VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A FLORIANÓPOLIS QUE CAMINHO: DIÁLOGOS ENTRE A CIDADE E O REMO

Carina Sartori*

"Perder-se, de ter prazer nisso, de aceitar ser estrangeiro, desenraizado e isolado"[1], "há uma retórica do caminhar"[2], "caminhar é perder o lugar"[3] ou "um estrangeiro mora dentro de nós, como um outro adormecido"[4] são formas de se ver e sentir a cidade.

Os estudos sobre o tema da cidade, seus espaços, seus monumentos, sua urbanização, pressupõem que a cidade se apresenta em seus cidadãos, por entre os gestos, as palavras e intervenções. Mas também pressupõe que estes cidadãos se apresentam na cidade enquanto espaços de lutas sociais e urbanas organizadas para estruturar as funcionabilidades ou os lugares praticados.

---

* Mestranda em História da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Profª. Drª. Maria Bernardete Ramos Flores, e bolsista CAPES.

1 CANEVACCI, Massimo. *A cidade Polifônica*. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2011. p.15.

2 CERTEAU, Michel de. Andando na cidade. In: CERTEAU. *A invenção do cotidiano*. Vol. 1 – Artes do fazer. Petrópolis, RJ, Vozes, 1994. p.169-192.

3 DOSSE, François. O espaço habitado segundo Michel de Certeau. In: *ArtCultura*. n.9, 2004. Uberlândia: UFU. p. 82-92.

4 FREIRE, Cristina. *Além dos mapas*: os momentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo: SESC, Annablume, 1997. p.211.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Na Florianópolis do século XXI os lugares praticados podem ser visualizados ao se ler um mapa turístico da cidade. Concebido para orientar o olhar de um turista, ou mesmo um habitante, este mapa, vendido em qualquer banca de jornal ou gratuitamente retirado no Portal Turístico, traça rotas que passam pelo Mercado Público, a Catedral, a Ponte Hercílio Luz e a Velha Figueira. Não sendo de difícil leitura, pois apresenta desenhos coloridos de guarda-sóis para as praias com linhas bem tracejadas para as estradas de acesso, os mapas apresentam esclarecimentos adicionais, tais como praias urbanizadas, nativas ou encantadas. Mas, o que acontece se deslocarmos o olhar deste mapa, desta região nuclear, e arriscar um "perder-se"? Quais serão os níveis de experiências da cidade com este caminhante e como se pontua de diferentes tempos cronológicos?

Assim, propor um caminhar pelo centro de Florianópolis nos idos de 2011 sem se preocupar com o tempo, espaço e lugar; ler as ruas, os traçados e as dissonâncias, é que proponho revelar aos olhos lugares e territórios que representaram pulsões evocativas da vida na cidade entrelaçados com a prática do Remo.

UM TRAPEIRO NO SÉCULO XXI

Pelo Terminal de Integração do Centro tem-se uma esquizofrenia de ônibus e pessoas. A Avenida Paulo Fontes tem seus cheiros entre a venda de peixes no Mercado Público, o diesel e o asfalto. A Alfândega com os muros das casas de comércio narra uma Arqueologia Histórica[5], ou, uma memória da Desterro marítima. A Praça XV se mistura entre os pastiches do Miramar, no chão junto ao monumento em homenagem a Fernando Machado, os bustos dos quatro homens estão em meio ao verde da Figueira e a construções que se perderam no tempo e em suas histórias. Seguir o fluxo *blasée* sentido Felipe Schmidt ou caminhar sentido Travessa que vai para o Forte[6]...

Pelos paralelepípedos da Rua João Pinto se lê as narratividades urbanas – pichações, *sex-shop*, *tattoo*... Entre a Rua Nunes Machado e a João Pinto um prédio

---

[5] Projeto Resgate da Memória Urbana de Florianópolis. Série de painéis expostos em muros da região central da cidade com financiado da Caixa Econômica Federal.

[6] Atual Travessa Ratcliff. VEIGA, Elaine. *Florianópolis Memória Urbana*. Florianópolis: Ed. Da UFSC e Fundação Franklin Cascaes, 1993. p.61-112.

ISBN: 978-85-98711-10-2

comercial carrega o nome de Carlos Boabaid, e na fachada perdida pintada de azul e branco, bem no alto, as letras C. N. Francisco Martinelli podem ser lidas. Pelo Cais da Liberdade[7] se vê o mar de cimento junto ao Terminal Cidade de Florianópolis. Quem olha para o chão vê a borrada linha azul que delimita o hoje imaginário espaço do mar com a cidade. O Forte Santa Bárbara, ou Capitânia dos Portos, abriga a Fundação Cultural de Florianópolis, quase inacessível entre a placa de Proibido Estacionar. Porém, o que chama a atenção são as pastilhas dos vapores Anna, Carl e Max no edifício amarelo envidraçado.

Limpa e organizada nos dias de hoje, a Avenida Hercílio Luz, que entre os anos de 1919 e 1922 sofreu alterações urbanas em favor do saneamento, fora traçada "junto às imediações dos morros a oeste da capital, ligando a Baía Sul, a partir do Largo 13 de Maio, à Baía Norte, na Praia de Fora"[8]. O Largo 13 de Maio, que desde 1888 era objeto de aterros e transformações em favor da saúde e de "comunicar diretamente toda a parte comercial da cidade de um ao outro extremo"[9], principalmente as Ruas João Pinto e Menino Deus, hoje abriga a Praça da Bandeira – os três poderes da capital. Resistindo ao tempo, a Rua Menino Deus, com as casas *sem eira nem beira*, termina no morro do Hospital de Caridade. Do mirante, só vê a presença do mar por uma imaginação, pois o paredão de edifícios e suas janelas de vidro, num dia de sol, quase cegam os olhos. É apenas a velha Ponte que se mantém observadora.

A extensa Avenida Mauro Ramos com seus automóveis, sinaleiras e faixas de pedestres adentra a cidade para ligar o antigo Campo do Manejo, hoje Instituto Estadual de educação, a Praia de Fora, atual Beira-Mar Norte, que fora descrita por Virgílio Várzea como uma "reprodução perfeita, mas em ponto pequeno, da baía de Nápoles"[10]. Uma região residencial, apenas com chácaras próximas ao mar, a Praia de Fora passou a comunicar o bairro da Figueira, ou o entorno da praça XV de Novembro, nas primeiras décadas do século XX através da Rua General Bittencourt. Na altura da Rua do Rosário,

---

7 Atual Rua Antonio (Nico) Luz.

8 ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral:* reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. São Paulo, 1989. Dissertação de Mestrado em História. PUC São Paulo. p.20.

9 Idem, p.27.

10 VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina - A ilha*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985. p.38-39.

ISBN: 978-85-98711-10-2

ou atual Marechal Guilherme, o Teatro Álvaro de Carvalho não tem vestígios das gloriosas décadas de 1920 e 1930. Seu palco tinha público certo, casa lotada, pois os Teatros de Revista eram encenados narrando o cotidiano da ilha, como em *Seu Jéca qué casá* e *Flôr da Roça*, escritas pelo professor Mâncio da Costa e musicadas pelo maestro Álvaro Ramos, e a mais popular *Cadê Bastião*? de Altino Flores e o maestro Haroldo Callado.

Perseguindo o fluxo da Felipe Schmidt não se vê rastros dos remadores ou de seus Clubes. A cidade agitada pelo comércio, turistas, habitantes e trabalhadores se encontra nos finais de tarde no Mercado Público para um *chopp* ou um papo com os amigos, pois não se tem mais o Miramar, ou Trapiche Miramar e Bar Miramar. Outro espaço de sociabilidades com um requintado e luxuoso café que reunia os abastados políticos, artistas, jornalistas, da Florianópolis[11].

Seguindo a Rua Conselheiro Mafra, até a subida da Rua Padre Roma, encontra-se os muros da antiga empresa Hoepecke. Do alto, pode-se imaginar o movimento do estaleiro construído junto à região da Rita Maria e os vapores Max, Carl e Anna aportando. Mas a frente, a ponte Hercílio Luz, hoje um pedaço de aço estendido de sentimentos observa o tempo. É dela que se vê a malha viária, o cimento, o aterro, o fluxo desenfreado de carros e quase sem acesso, três estruturas em blocos de cimento, cada um a sua cor, denunciam a presença dos Clubes de Remo Martinelli, Aldo Luz e Riachuelo.

CARTOGRAFIAS DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Os bairros residenciais com suas chácaras na Praia de Fora e Mato Grosso[12] passaram a se comunicar com o bairro da Figueira, o entorno da praça XV de Novembro, através da Avenida Trompowsky e da Rua General Bittencourt[13]. Apesar dos primeiros anos da economia republicana ter sido difícil, os comércios na Rua Felipe

---

[11] ARAÚJO, H. R. Op. Cit. e NONNEMACHER, Marilange. *Um lugar na memória*: Rua Conselheiro Mafra no século XX. Florianópolis, 2002. Dissertação de Mestrado em História, Centro de Filosofias e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

[12] Região da Baía Norte.

[13] VERAS, Elaine. p.112-113.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Schmidt cresciam vagarosamente e certa parte daquele precisou ser abastecido de produtos oriundos de outras regiões do estado catarinense, como Joinville e Blumenau. O porto e o estaleiro, este último construído pela família Hoepecke nas proximidades da praia da Arataca - região da Rita Maria-, serviam como o principal ponto comércio e de parada para embarcações que seguiam rumo norte-sul do país. A Ilha do Carvão[14] abastecia os vapores. Mas, é nas durante os anos de 1915 e 1920, que além do comércio e do movimento do estaleiro, a cidade e o mar se transformariam numa extensão quase una de um novo espaço, de tempos livres, ou melhor, um espaço de lazer[15].

> Quando surgiu a idéia da fundação, nesta capital, de um Club Nautico, onde a mocidade procurasse desenvolver as suas forças physicas, houve pessoas descrentes da realização de tão bella iniciativa. Encorajado pela grande vontade dos commandantes Samuel Guimarães e Caiado, um pugido de valorosos moços levou a effeito a idéia, transpondo com persistência (...)[16]

No mês de março de 1915, os Srs. José Gil, Álvaro Schmidt Cadeira e Osvaldo Leon Sales reuniram-se no Hotel Macedo situado na Rua Conselheiro Mafra para decidirem sobre as primeiras resoluções a respeito do grêmio de desporto náutico. Três meses depois, no dia 11 de junho de 1915, os Srs. fundam o Clube Náutico Riachuelo e adotam as cores azul e branco. Nascido já em batalha e "com a grandeza da sua história/fulgura a força"[17], o Clube Náutico Riachuelo carrega a homenagem a Batalha do Riachuelo. Batalha esta ocorrida no ano de 1865, num afluente do rio Paraguai, diante da Guerra que o Império brasileiro em uma aliança com Argentina e Uruguai travara contra a nação paraguaia.

Comparecendo para a fundação inúmeras personalidades, como José Gil, Álvaro Schmidt e Osvaldo Sales, além do capitão-de-fragata Samuel Pinheiro

---

[14] Hoje em baixo da escadaria da ponte Colombo Salles

[15] Segundo Alain Corbin, o final do século XX trouxe uma acentuada pressão temporal sobre o cotidiano bem como uma necessidade de não perde-lo. Tal fato, fez com que o autor pesquisasse a necessidade de como se elaborou os novos desejos para o tempo livre, ou melhor, como se organizou um tempo aberto à espontaneidade – ao lazer. Ou seja, um estudo sobre a luta diária do trabalho com o pensamento de aquisição de um tempo disponível e como este, pouco a pouco, se inseriu na vida privada das civilizações orientais. Cf. CORBIN, Alain. *L'avènement des loisirs* (1850-1960). Paris: Champs histoire, 1995. p.9-21.

[16] *Club Náutico.* Jornal O Estado. 15 de março de 1916.

[17] Hino do Clube Náutico Riachuelo, publicado no Jornal O Estado de 21 de fevereiro de 1919.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Guimarães, o comandante Artur Lopes Calado e alguns homens da família Moelmann, Timm, Tonding e José Vitor Garcia, o Clube logo se estabeleceu num galpão comprado pela diretoria na região da Rita Maria. O Riachuelo, em seus primeiros anos, já adquiriu as duas primeiras *yoles*, assim chamadas às embarcações e nomeadas com a letra *J* – *Jutaí* e *Juruá*, e contava com o carisma dos moradores da Rita Maria e alguns trabalhadores da empresa Hoepcke. Sabe-se que o Riachuelo trocava correspondências com outros Clubes de Remo, como o portoalegrense Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré[18] e que provavelmente estes contatos tenham ocorrido devido ao fluxo comercial da empresa Hoepecke, já que parte dos trabalhadores eram sócios e outros eram remadores do Clube, com o porto gaúcho. Pois, no ano de 1916 um importante *sportman* do Almirante Tamandaré aporta na ilha da Santa Catarina - o Sr. Valter Fontoura. Foi com o Sr. Fontoura que o Clube Náutico Riachuelo teve suas primeiras orientações de disciplina na prática do Remo. O *sportman*, ainda, organizou a primeira guarnição do Riachuelo com a *yole Jutaí* e os *rowers*, nome dados aos remadores, Celso Fausto de Souza, Osvaldo e Reinaldo Moelmann, Augusto Livramento e Álvaro Caldeira puderam fazer sua primeira exibição na Praia de Fora.

Entre as páginas do jornal *O Estado* o Clube Náutico Riachuelo toma algumas formas, em sua história. As inúmeras notas publicadas, durante parte das décadas de 1910 e 1920, contam como os "riachuelinos" se socializavam através das regatas ocorridas primeiramente no mês de abril. Encontra-se ainda os convites para as festas e encontros dançantes, estes geralmente ocorriam no Clube 12 de Agosto, o clube da nova sociedade florianopolitana formada por comerciários e de funcionários públicos. Nestes salões, os *rowers* e suas *yoles* escutavam orações e cantos de amor em homenagem a suas batalhas no mar da Praia de Fora.

Conta-se que no mesmo ano de 1915, mas em julho e no café do português chamado Sr. Farinhas, na esquina da Praça XV, os Srs. Luiz Carvalho, João Medeiros Barbosa, Libório Sonsini, Lauro Carneiro e Osvaldo Reis debatiam a ideia da fundação de um novo Clube de Remo. O certo é que no dia 31, do mesmo mês nos salões do

[18] Fundado em 18 de janeiro de 1903, surgiu como alternativa luso-brasileira aos clubes de origem germânica que tinham o alemão como língua corrente. Pouco tempo depois de sua fundação o Clube Tamandaré assumiu a liderança do remo gaúcho rivalizando com a turma do Germânia (outro Clube de Remo gaúcho).

ISBN: 978-85-98711-10-2

Clube Concórdia[19], reuniram-se Lauro Carneiro, Narbal Viegas, Ari Tolentino, José R. Fernandes, João Vassilacoupolos, Libório Sonsini, Alfredo Montenegro, Edmundo Simone, Miguel Savas, Nestor Conceição, Celso Ramos, Djalma d'Eça e tantos outros, para fundar o Clube Náutico Francisco Martinelli. Carregando o pavilhão na cor encarnada e âncora preta no peito a "família martinellina", como muitos se referiam aos que se associaram ao encarnado, abrigaria-se num barracão situado no terreno do Sr. Garcia, na Praia do mesmo Senhor, nas proximidades da Rua da Praia de Fora[20]. Escolhendo a letra *I* para nomear suas *yoles*, o Clube batizou *Irajá* e depois *Irará*.

Homenageando o jovem guarda-marinha Francisco Martinelli que "triunfara em toda a sua carreira: que subira os degraus por esforços próprios, maravilhando seus amigos, enternecendo seus mestres, enchendo de lágrimas doces os olhos da dolorosa velhinha Martinelli"[21] e que "não fugistes ao teu destino: talento, coração, grandeza e morte honrosa!"[22], o Clube organizava seus treinamentos as 4h30min das manhãs. O café era servido no galpão para todos. Sendo alguns pães 'furtados' das portas das casas em que o padeiro passava, sendo o líder Acioli Vieira quem deixava algumas moedas como pagamento.

Eleito o Clube mais Querido[23] pelos leitores do jornal *O Estado*, e com as mais belas torcedoras, os "martinelinos" se esforçaram para 'encarnar' o coração do Governador do Estado de Santa Catarina, pois o antigo barracão de madeira na Praia do Garcia estava apodrecendo e somente um auxílio salvaria as *yoles* da ação do tempo. É no ano de 1926, na gestão do governador Hercílio Luz, por intermédio de seu filho Abelardo Luz, que o Clube recebe de doação na região do Cais da Liberdade "um prédio, assobradado, sito nesta Capital à Rua João Pinto, nº42, construído em terreno de marinha, com 4 (quatro) braças – 8,8 metros de frente à dita rua; fundos com o mar; confrontando, por um lado com quem de direito e, pelo outro com a Travessa

---

19 Atual edifício João Moritz.

20 Atual região da Rua Almirante Lamego, Bocaiúva e Heitor Luz. Cf. VERAS, E. Op. Cit..

21 FILHO, Barreiros. Revista Ilustrada. Março de 1920.

22 Idem.

23 *Eleição Interessante*. Jornal O Estado. 09.06.1918/ 27.05.1918 e resultado em 16.06.1918.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Wandekolk" [24]. Mas, não era o bastante para os *rowers* e os associados. Faltava um prédio que comportasse as *yoles*, os *rowers* e as reuniões da diretoria.

Transferidos para as proximidades da região central da capital, a Praça XV de Novembro, os "martinelinos" ampliaram seu carisma junto à população e aos jornais da capital, quem sabe devido às ações constantes de arrecadação de dinheiro ou por possuírem um espírito animado. O Sr. Luiz Oscar de Carvalho conta que os "martinelinos tornaram-se pedintes, mendigantes de material de construção" [25] e os "'pedidos' passaram a ser de todas as formas" [26]. Mesmo tendo sido terminada somente por volta dos anos 30, em estilo *art déco*, o prédio é o único que se mantém em pé na Florianópolis do século XXI. Localizado na Rua João Pinto, ele não guarda mais as embarcações ou a história dos *rowers*, só se sabe que ali fora a sede de um Clube de Remo pela fachada, que passou por inúmeras transformações, em que ainda se lê no alto e em azul C. N. Francisco Martinelli.

O último dos três Clubes de Remo da capital catarinense é o Clube de Regatas Aldo Luz. Os "aldistas", ou aldinos, abriram suas portas três anos após o Riachuelo e Martinelli, em 1918. A fundação do Clube se confunde com a organização da Confederação Catarinense do Remo[27]. Os Srs. "Aldo Luz, Ary Tolentino e Edmundo Simone tiveram a idéia de fundar, mais um club náutico, com o nome de Club de Regatas Florianópolis" e, é "digno gesto desses três moços, pois é de inteira necessidade mais um clube náutico, para poder em Florianópolis formar uma federação"[28].

A ata que fundou o Clube de Regatas Florianópolis, em homenagem a capital, foi assinada em 05 de dezembro de 1918 e contou com as assinaturas dos Srs. Aldo Luz,

---

[24] Exposição do Clube Náutico Francisco Martinelli à Prefeitura Municipal de Florianópolis. S/d. Acervo Carina Sartori.

[25] *Luiz Oscar de Carvalho: o símbolo vivo do Martinelli.*p.3-4. Acervo Carina Sartori

[26] Ibidem.

[27] Inicialmente dominada de Confederação Catarinense de Remo e com data de fundação em 23 de janeiro de 1919, por proposta do Clube de Regatas Florianópolis (atual Aldo Luz). Em 1923 o Dr. Fulvio Aducci, então presidente da Confederação, apresentou proposta que mudaria o nome para Liga Náutica de Santa Catarina. Na ocasião a Liga, contava com as filiações de Clubes da região de Florianópolis, Laguna, Itajaí, São Francisco do Sul, Blumenau, Joinville e Porto União. Cf. BORGES, Maury Dal Grande. *Remando nas águas da história*. Florianópolis: Imprensa oficial do Estado de Santa Catarina, 2002. p.95.

[28] *Sportivas*. A Festa do Martinelli. Jornal O Estado. 21 de novembro de 1918.

ISBN: 978-85-98711-10-2

José Arthur Boiteux, Pompílio Pereira Bento, Ary Tolentino, Edmundo Simone, Clovis de Araújo, Julio dos Santos e outros mais, além do apoio dos Clubes Náuticos Riachuelo e Martinelli. Na mesma ata se lê as palavras do Sr. Ary Tolentino em que "foi lançada a proposta para as cores que o Club deveria adoptar. Como homenagem ao Estado de Santa Catarina foram aprovadas as cores branco-encarnado (...)"[29]. Mas alguns meses depois, em maio de 1919, os dirigentes do Clube de Regatas Florianópolis em reunião extraordinária na Junta Catarinense Republicana alteraram o nome para Clube de Regatas Aldo Luz, pois o então presidente do Clube havia morrido prematuramente na cidade do Rio de Janeiro.

Com um traçado de orla desenhado por amontoados de pedras que constituíam pequeninas praias na parte Norte da Baía e ao Sul um amontoado de trapiches, aos poucos a cidade vira o beira-mar ser redesenhado para abrigar os espaços de disputas do remo. Em alguns destes pequenos pedaços de areia, famílias e, às vezes, os próprios Clubes de Remo se identificavam. Segundo o Sr. Décio Couto, filho de *rowers* e ex-remador do Riachuelo, os senhores da região da Rita Maria eram os "riachuelinos", pois foram abraçados pelos moradores e comerciantes que ali construíram suas vidas "tem os Müller, os Mundi, é... os Cardoso, lá da parte do Jorge Trilha, a família da senhora dele, o próprio Trilha ali e, também aquelas famílias que residiam na, na Rita Maria ali pra cima e tal, lá para o lado da praia de Fora também"[30]. Já o Martinelli por um livro de memórias inacabado chamado de *Clichês*, do senhor Luiz Oscar de Carvalho, conta como o Clube pode ter se tornado o mais popular, tanto entre os concursos que movimentavam a cidade pelos jornais e revistas ilustradas na escolha do "Remador mais apreciado na Federação Catharinense do Remo" e Rainha do Esporte Náutico Catharinense"[31] quanto pelos cidadãos da capital.

O REMO NO PALCO DA CIDADE

Em homenagem ao grande Zeus/E com o tempo um novo esporte
aconteceu/De mente sã e corpo são

[29]Acta de fundação do Club de Regatas Florianópolis, 27 de dezembro de 1918.

[30]COUTO, Décio. Entrevista concedida a Artur F. da Silveira. Florianópolis janeiro de 2006.

[31]*Qual o mais querido dos clubes náuticos de Florianópolis?* Jornal O Estado. 27 de maio, 09 e 16 de junho de 1918.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Eu vou cantar
Sou orgulho do Brasil vou festejar/Em Santa Catarina
O remo é o esporte que fascina[32]

No ano de 2003 a Escola de samba da região continental de Florianópolis, Unidos da Coloninha, em seu desfile homenageou a prática do Remo. Das imagens do evento é o enredo da escola que mais chama atenção, pois inicia sua estrofe com a fascinação que o remo causara na população, na cidade, nos jovens e nos seus corpos sadios e, quem sabe, nos intelectuais florianopolitanos...

Os primeiros anos da República na entrada do século XX, na capital federal do Rio de Janeiro, foram anos de "civilizar-se", ou melhor, de produção de imagens de "beleza, limpeza, ordem e progresso"[33]. Vista como uma capital de "porto suspeito, cheio de moléstias pestilentas" e um local de gente degenerada e preguiçosa, a cidade do Rio de Janeiro e o seu novo governo republicano deveriam também curar as moléstias e os flagelos sociais que a tuberculose, a sífilis e o alcoolismo haviam imputado nas imagens das cidades, como no Rio de Janeiro.

Corpo e cidade foram escolhidos como o pilar de beleza e saúde para libertar e salvar a nação brasileira da miséria física e social. O corpo, que outrora fora coberto por pesadas vestimentas, passa a ser um importante aliado na imagem da força produtiva do país com seus músculos de formas elegantes e pele morena do sol. A cidade precisava ser ventilada e seus espaços precisavam deixar de ter ares insalubres. Era preciso sociabilizar-se ao ar livre. Era preciso adequar às novas imagens da cidade em seu aspecto civilizado e modernamente europeu com a nova organização social que se estruturava. Assim, as cidades deveriam se tornar um espaço de deveres agradáveis e sadios.

João do Rio, no Rio de Janeiro, escrevia que "vislumbrava a importância dos esportes, em especial das regatas, na transformação dos hábitos da cidade"[34]. Fazendo coro na escrita sobre o jovem corpo, que se confundia com a cidade e a República,

---

[32] *As águas vão rolar do Remo aos Jogos*. Autoria de Igor Leal e Mára. Samba enredo de 2003 da Sociedade Recreativa e Cultural Unidos da Coloninha.

[33] FARIAS, Claudia Maria de. *Febre esportiva:* esporte náutico e modernidade no Rio de Janeiro (1895-1914). Dissertação de Mestrado em História Social da UFF, Rio de Janeiro/Niterói, 2005. p.12.

[34] Idem, p.24.

ISBN: 978-85-98711-10-2

estavam também Raul Pompéia e Luiz Edmundo. Enquanto se lia que o Remo seria para a República os "músculos fortes como Hércules"[35], médicos sanitaristas debatiam que para uma sociedade era "a importância dos esportes aquáticos, que desenvolvendo o tórax e abrindo o peito, mostravam-se elementos de preservação contra decadência e a moléstia"[36].

> A canoagem desenvolve nossas forças, ativa a respiração e a circulação, desenvolve o volume dos pulmões e do peito, aumenta nosso vigor e nossa resistência. Não há *sport* atlético mais são, eficaz e completo que a canoagem, todas as partes do corpo, da cabeça até os dedos dos pés; (...)[37].

Em Florianópolis o surto modernizador das décadas de 1920 e 1930 se relacionou de maneira diferente com a cidade e os seus habitantes. É a vez do ímpeto reformista, da radicalidade intervencionista no espaço urbano e nos comportamentos sociais. A capital catarinense transforma-se num verdadeiro canteiro de obras. Tem-se a instalação das primeiras redes de água, esgoto, incinerador de lixo, energia elétrica, canalização do rio da Bulha; pavimentação e ajardinamento; demolição dos cortiços, alinhamento de ruas, mudança do cemitério, fim dos bondinhos puxados a burro, aparecem os primeiros ônibus, fundação do Instituto Politécnico, começa o banho de mar.

O traçado urbano que sofrera modificações, a partir da praça XV de Novembro, para que a nova ligação entre a ilha-continente, pela ponte Hercílio Luz, se tornasse acessível. Juntamente à mudança física da cidade, as condutas, assim como ocorreu no Rio de Janeiro, também deveriam ser remodeladas. Criam-se, então na capital catarinense, equipamentos de controle social, como o Serviço Médico Legal, regulamentação do meretrício e dos mendigos, Asilo de Mendicância Irmão Joaquim, Asilo de Órfãos São Vicente de Paula. Pois, os corpos precisavam ser disciplinados para os novos espaços de sociabilidades que a "nova sociedade", oriunda do comércio e do funcionalismo público, se organizava. Espaços como o Trapiche Miramar e Bar

---

35 EDMUNDO (1957, p.831) apud FARIAS, C. Op. Cit., p.20.

36 WEBER (1910, p.1-3) apud FARIAS, C. Op. Cit., p.24.

37 X.Y.Z. *A tuberculose e o sport náutico*. In: A canoagem, ano I, nº4, 25 jul. 1903, p.3. apud FARIAS, C. Op. Cit., p.25.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Miramar, o Teatro de Revista, o Teatro da UBRO[38] e a prática esportiva - o *sport* e seus *sportmans*.

> Os afficcionados do explêndido *Sport* do remo têm, hoje, com a realização da grande prova do dia, motivos bastos para dizerem, a sociedade, as qualidades dos *rowers* catharinenses. Muitos há que, até esta data, julgaram utópicos os sonhos de emprehendimentos como os que hoje se realiza para o supremo Gaudio de beneméritos visionários que seguram, para a geração moderna, o apogeu de uma raça forte, pura, inconfundivelmente sã e que só poderá ser encontrada nos centros desportivos. O remo é um dos que mais sobresahem e mais aperfeiçoam o organismo, dando-lhe a expansão extrema da emfibratura muscular que imperou nos tempos áureos de uma épocha que se foi e que, como um soberbo ensinamento, dicta, nesta épocha de requintados evangelhos, a apotheose dos músculos de Adonis.[39]

Devendo assumir uma função regeneradora e promotora de melhoria nas condições da saúde e no caráter da mocidade, um *sport* marcaria a visualidade da cidade de Florianópolis. Escolhido como uma tendência da modernidade, um ordenamento do corpo e uma prática de regulação, os Clubes de Remo obtiveram um importante espaço entre a sociedade e a cidade. Ganhando páginas nos jornais que circulavam na Florianópolis, bem como o apoio de políticos e do grupo de intelectuais da Academia Catarinense de letras, o Remo ocupou espaços.

Um dos espaços mais controverso ocupado pela prática do Remo fora os escritos e as encenações dos Teatros de Revista. Um tipo de publicação muito bem aceita pela jovem intelectualidade da ilha de Santa Catarina, pois narrava à cidade e os seus tipos, contou com escritores como Altino Flores, Mâncio da Costa e Haroldo Callado. Ao que se sabe, foram encenadas desde 1919 quatro Revistas dedicadas aos Clubes de Remo da capital catarinense. Encenadas pelas próprias torcedoras e/ou madrinhas do Martinelli e Riachuelo, e com casa lotada em cada encenação no Teatro Álvaro de Carvalho, a venda dos ingressos era totalmente destinada às reservas econômicas dos Clubes. É o Sr. Luiz Oscar de Carvalho que mais uma vez narra:

> Já constitui objeto de referência nossa, a Revista-Opereta *Cadê Bastião?*, de autoria de Altino Flores e Haroldo Callado, levada a cena

---

[38] COLLAÇO, Vera R. M. *O Teatro da União Operária* – Um palco em sintonia com a modernização brasileira. 2004. Tese de Doutorado em História, Centro de Filosofias e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

[39] *As regatas de hoje*. Disputas do Campeonato de 1918. Jornal O Estado. 21 de abril de 1918.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> em janeiro de 1922 e que obteve treze representações no teatro Álvaro de Carvalho. Neste capítulo queremos registrar, também, o trabalho *Astros que Falam*, do professor Antônio Mâncio da Costa, levada a cena em festa realizada, também, no mesmo Teatro, e como aquela, em benefício deste clube[40].

É este mesmo Sr. quem registra que até "os grandes talentos e as grandes culturas literárias da nossa terra , se deixaram empolgar pelo entusiasmo que então reinava entre os clubes de remo, e a influência que estes exerciam na sociedade"[41].

As outras duas Revistas foram escritas para o Clube Náutico Riachuelo – *Seu Jéca qué casá* (Foto ao lado – Acervo Martinelli) e *Flôr da Roça*. A primeira foi levada a cena no mês de junho de 1919, no dia do aniversário do Clube da região da Rita Maria, e escrita pelo professor Mâncio da Costa e musicada pelo maestro Álvaro Ramos. Também encenada no Teatro Álvaro de Carvalho foi recebida "agradavelmente pelo nosso público, *Seu Jéca*, que foi levada por gentis torcedoras e consórcios do Riachuelo, proporcionou ao velho teatro uma série de enchentes que só cessaram com a sua retirada do cartaz"[42]. A segunda foi um presente do mesmo autor para o Riachuelo. A *première* foi no dia 22 de agosto de 1922 e recebeu inúmeras críticas da imprensa e dos intelectuais da ilha, pois "*Flôr da Roça* marcou época nos anais do teatro catarinense, pondo em relevo o talento dos seus autores e as qualidades das gentis torcedoras do Riachuelo, que lhe deram brilho extraordinária" [43].

UMA BREVE CAMINHA PELA CIDADE E PELO REMO

Os Clubes Náutico Riachuelo e Martinelli e o Clube de Regatas Aldo Luz, durante as primeiras décadas do século XX até meados da década de 1950, foram acontecimentos pela cidade. As ruas, a cidade, os aterros, as casas de família, os Clubes sociais, os jornais, o Teatro de Revista e a intelectualidade se intrincaram com as regatas, os *rowers* e as *yoles*. Então, o caminhar pela Florianópolis do século XXI é

---

40 Martinelli no Teatro. CARVALHO, Luiz. Oscar de. *Clichês.* Acervo Carina Sartori.

41 Ibidem

42 SILVA, Mário Cândido da. *Publicação comemorativa do vigésimo-quinto aniversário da fundação do Clube Náutico "Riachuelo"*. p.21-22. Manteve-se a grafia da publicação.

43 Idem.

ISBN: 978-85-98711-10-2

(re)encontrar rastros desta história. Algumas vezes perdida, outras vezes esquecida, mas não ausente, o remo entre a cidade e seus personagens caminha por entre futuros e passados, devires, descontinuidades escapando das estruturas lineares – homogêneas – para dar espaço às experiências que se interligam a relações afetivas e a novos mapas. Assim como, um encontrar de lugares que passam a importar por suas memórias individuais e/ou coletivas, movimentos de apropriações de espaços que emergem e construções de representações de imaginários sociais e urbanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANEVACCI, Massimo. *A cidade Polifônica*. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2011.

CERTEAU, Michel de. Andando na cidade. In: CERTEAU. *A invenção do cotidiano*. Vol. 1 – Artes do fazer. Petrópolis, RJ, Vozes, 1994.

COLLAÇO, Vera R. M. *O Teatro da União Operária* – Um palco em sintonia com a modernização brasileira. Tese (Doutorado em História), CFH, UFSC, Florianópolis, 2004.

_____. *E se a moda pega...:* O Teatro de Revista em Florianópolis – 1920/1930. Florianópolis: UDESC/CEART, 2007.

CORBIN, Alain. *L'avènement des loisirs* (1850-1960). Paris: Champs histoire, 1995.

DOSSE, François. *O espaço habitado segundo Michel de Certeau*. In: ArtCultura. n.9, 2004. Uberlândia: UFU.

FARIAS, Claudia Maria de. *Febre esportiva:* esporte náutico e modernidade no Rio de Janeiro (1895-1914). Dissertação de Mestrado em História Social da UFF, Rio de Janeiro/Niterói, 2005.

FLORES, Maria B. R.; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera. (Orgs). *A casa do Baile* – Estética e Modernidade em Santa Catarina. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

FREIRE, Cristina. *Além dos mapas*: os momentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo: SESC, Annablume, 1997.

MELO, Victor Andrade. *Cidade esportiva.* Primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MELO, Victor Andrade. *Cidade esportiva.* Primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ISBN: 978-85-98711-10-2

_____. *Os sports e a cidades brasileiras:* transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

NONNENMACHER, Marilange. *Vida e Morte Miramar*: Memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade. Tese (Doutorado em História), CFH, UFSC, Florianópolis, 2007.

VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina - A ilha*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985.

VERAS, Elaine. *Florianópolis:* Memória Urbana. Florianópolis: Editora da UFSC e Fundação Franklin Cascaes, 1993.